

**Pedagogia e Filosofia:
debates éticos para Ensino Médio**

Diego Soffritti Cardoso

**Pedagogia e Filosofia:
debates éticos para Ensino Médio**



Rio de Janeiro

2017



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo de sua OBRAS bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Pedagogia e Filosofia: debates éticos para ensino médio

Copyright © 2017, *Diego Soffritti Cardoso*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Pod Editora

Foto de Capa:

Pixabay - convention-1410870_1920

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C26d

Cardoso, Diego Soffritti

Pedagogia e filosofia: debates éticos para ensino médio / Diego Soffritti Cardoso -
1. ed. Rio de Janeiro : PoD, 2017.

56p. ; 21cm.

inclui índice

ISBN 978-85-8225-129-4

1. Educação - Pedagogia e Filosofia. I. Título.

17-39185

CDD: 370.9

CDU: 37(01)

10.01.2017

17.01.2017

Sumário

Prefácio	7
Capítulo 1. Hiperregistrabilidade	9
Capítulo 2. Liberdade Feminina	15
Capítulo 3. Expectativas.....	19
Capítulo 4. Vazio Existencial	23
Capítulo 5. O Mundo	25
Capítulo 6. Alegria ou Felicidade?.....	33
Capítulo 7. Escolhas de Vida	39
Capítulo 8. Enxergar.....	45
Capítulo 9. Religiosidade Cósmica.....	51
Capítulo 10. Considerações Finais.....	56

Prefácio

Estamos cercados. Estamos cercados por muita informação e muitos objetos. O período contemporâneo está marcado exatamente pela incapacidade de filtrarmos todo esse lixo externo. Esse livro visa apontar uma forma mais limpa de vida, de se relacionar e de ser feliz. Apesar da Ética ser um assunto filosófico debatido recorrentemente, muito pouco avançamos nessa área: é mais fácil destruir um átomo do que um preconceito...

Sem delongas, partamos imediatamente para os ensinamentos. Começemos pelo início! Mas, onde fica o início? Fica obviamente em todo lugar, já que qualquer caminho pode te levar a qualquer outro! Não há método quando se trata de vivermos, tampouco há alguém que chegou a um posto que nunca alcançaremos.

Esperamos sinceramente que as discussões enriqueçam a alma de todos os envolvidos, que se possa repercutir em uma escola mais horizontal, uma vida mais honesta e o perpétuo questionamento sobre nossas atitudes! Tudo que será abordado não passam de ferramentas, como usá-las caberá ao caro leitor.

Capítulo 1. Hiperregistrabilidade

Apesar de ser um nome estranho, o fenômeno do Hiper Registro é facilmente entendido. Sabe aquele Show do ano em que se junta a mesada por meses para irmos? Pois bem, já percebeu que quando finalmente lá estamos, é muito comum que não assistamos ao show?

“Como não?” é o que você deve estar pensando agora. Quem assiste ao show de fato muitas vezes é nossa câmera e não nós mesmos. Não é raro ao apagar das luzes durante uma música, ficarem todos aqueles pequenos focos luminosos característicos dos aparelhos que gravam.

Eis aí nosso paradoxo: a necessidade de não permitir que nada passe na nossa vida sem o devido registro/filmagem, muitas vezes nos faz não vivenciá-lo adequadamente. Exemplos não faltam: uma viagem em que fotografamos exageradamente cada passeio, depois temos a imagem de estar lá e não a memória daquele ambiente! “Qual o nome dessa cidade mesmo?” – Pois bem, registramos com a máquina e não com a alma.

O *Facebook* e demais mídia sociais não estão fora disso: aquele namoro que todo dia precisa se autoafirmar com novas declarações, fotos e mensagens para os “amigos” do casal... Isso é realmente necessá-

rio? A vontade de se registrar e divulgar cada evento dos amantes/peguetes/namorados é mais um dos efeitos do hiperregistro, que por muitas vezes nos afasta mais do que aproxima.

Pensando ainda sobre meios sociais, parece haver aqui uma sombra Aristóteles. Apesar de parecer distante a discussão, observe o raciocínio: no livro *De Anima*, o filósofo antigo nos fala sobre o Desejo de Imortalidade, um conceito ético/biológico que todos os seres vivos partilham. O desejo de imortalidade é a vontade que todo vivente, independente ao reino a que esteja enquadrado, possui de prolongar ao máximo sua vida, até mesmo atingir a imortalidade se assim pudesse.

Os gregos entenderam, obviamente, que tal desejo não poderia se cumprir em via biológica: invariavelmente, qualquer corpo definhará... Assim, repensaram o princípio eticamente, ou seja, através da moral do Herói. Se eu puder, em vida, fazer uma grande ação digna de prestígio, posso me tornar virtualmente imortal, mantendo-me vivo na memória de um povo ou de um grupo. Não é arbitrário que até hoje estudamos Aristóteles, seu desejo de imortalidade se cumpriu...

E as redes sociais? Bem, a rede social ainda é uma expressão do nosso desejo de imortalidade. Em vida nos esforçamos para sermos lembrados a todo tempo pelos outros e, se por ventura, falecermos, o nosso

perfil continuará sendo alvo de relação, cultuado etc. Com isso queremos dizer que faz sentido alimentarmos nossas páginas, isso é algo da nossa cultura. Contudo, fica a advertência sobre o exagero, sobre a perda da vida para expansão do virtual, seja foto, vídeo, sites etc.

Essa própria condição do registro exacerbado repercute na História e no Jornalismo enquanto disciplinas. Por exemplo, há poucos anos tivemos no Rio de Janeiro protestos contra aumento da tarifa dos ônibus. Sob o lema do “Não é só por vinte centavos”, milhares foram às ruas para reivindicar seus direitos e reclamar, entre muitos outros motivos, de corrupção.

Entretanto, como é comum de qualquer movimento social, a heterogeneidade marcava muito bem as passeatas. Algumas pessoas iam, politicamente engajadas, fazer seu protesto; mas também, os estudantes que seguiam comando de seus professores estavam lá. Além desses, muitos outros segmentos: pessoas que foram para gritar e bater, pessoas que foram para fazer dinheiro (acredite, tem gente lucrando com qualquer coisa) ao vender água ou chocolate, pessoas que foram para “azaração” (acredite, existe uma vibe ou fetiche nas pessoas ditas revolucionárias), pessoas que foram só pela ocupação da rua (independente da causa), pessoas que foram só para satisfazer seu ego com o famoso “fiz minha parte” e por aí vai.

O interessante é que, mesmo diante de tantos núcleos distintos, no mesmo mês em que se iniciaram as passeatas, já havia um artigo no Wikipédia sobre os objetivos e causas do movimento. A “Revolta do Vinagre” já havia se consagrado como um termo histórico, estando ainda plenamente em curso e sem unidade, efeito da necessidade do hiper registro. A noção histórica de análise de fontes, tentativa de imparcialidade se perde no caos do registro.

O jornalismo também não sabe bem se portar: toda matéria feita já tem, de pronto retorno, uma série de respostas e outros pontos de vista não contemplados querendo espaço. Imagino que os jornais televisivos deverão acabar um dia, já que a internet tem ditado as regras e as pautas dos conteúdos.

Entendido ao fenômeno da hiperregistrabilidade, indicamos algumas que poderão ser feitas em sala de aula. O professor será livre para trazer novos questionamentos, sobretudo aqueles que possam se aproximar melhor ao vivido pelos alunos. Está em jogo a reflexão sobre o excesso de fotos e filmagens, a diminuição no uso da memória própria, a perda de liberdade que ocorre para o ganho de “likes” e assim sucessivamente?

a. **Nos tornamos espectadores de nossas próprias vidas?**

b. **O quanto somos filhos do imediatismo?**

- c. Nossa exposição nas redes sociais é justa ou exagerada?
- d. A internet poderá acabar com o jornalismo televisivo?

Capítulo 2. Liberdade Feminina

Começaremos a discussão sobre liberdade feminina partindo do paradigma do aborto. Primeiramente, tomemos um cuidado muito específico nesse assunto: ninguém é a favor do aborto. Repetindo: ninguém é a favor do aborto! O procedimento traz consigo dor e angústia, independente de como seja realizado. A discussão real não deve ser sobre o ato, mas sobre a legalização do mesmo.

Aqui deve ser muito esclarecida a diferença entre a Ética e a Política. A ética deriva do conceito grego de *ethos*, traduzido como comportamento ou conduta. Toda mulher tem controle sobre seu corpo, ou deveria ter, de tal modo que determinarmos se o aborto é correto ou errado, na lei, torna-se um problema político e não mais ético.

Cabe a consciência e ao arbítrio da mulher as decisões sobre uma nova vida que se gera no seu corpo, de tal modo que querermos controlar isso é equivocado. Se proibirmos a ação legalmente, ocorrerá o que já ocorre: mulheres ricas (normalmente brancas) pagarão pela extração do feto em clínicas clandestinas de luxo. Ninguém saberá, o médico ganhará bem, a vida seguirá (não mais a da criança, infelizmente).

Já a mulher pobre (normalmente negra no Brasil) terá de se valer de meios absurdos para conseguir a expulsão do feto, levando a si própria ao risco de morte também. “Ah, mas ela sabia o que estava fazendo, na hora do sexo ninguém pensou nisso” – calma lá, esse pensamento aí não é tão simples.

Nossa sociedade tem uma necessidade de julgar e humilhar a mulher de uma forma que nem sempre percebemos. Por exemplo, se a menina de 15 anos proclamar-se lésbica, o argumento do adulto provavelmente passará pelo “você não sabe bem o que quer da vida, você não tem discernimento”. Contudo, se a mesma menina engravidar, o argumento muda: “agora você dê um jeito, você sabia muito bem o que queria da vida...”.

Com isso, pensamos aqui ser mais razoável que o aborto seja apenas resolvido no âmbito ético, da mulher com ela mesma. Obviamente que um religioso deve dar sua opinião, um amigo, um parente etc, mas nunca criminalizar pela decisão. Nessas horas o juízo divino ainda parece mais coerente de se esperar, do que se colocar nas mãos jurídicas.

Outro ponto também que passa despercebido é o aborto masculino. “Eita, isso nem existe” – vou explicar-me. O número de crianças registradas sem o nome do pai é ainda um valor assustador no Brasil: não é isso aborto também? O homem que não desempenha a função de pai não está abandonando a criança?

E quando alguém cresce sem nenhum referencial, esse jovem não está “morto” também? A mesma sociedade que critica aos abortistas, passa direto pelas crianças de rua sem lhes dirigir o olhar... Não pode matar, mas pode ignorar, humilhar, desprezar! Tudo isso é algo a ser debatido, será que a legalização e a ampla discussão não nos garantiria a redução dos casos?

Antes que ainda se critique este livro dizendo que ele é doutrinário ou ideologicamente inclinado, observe o que foi dito: não se trata de defender o aborto (eu particularmente sou contra, a criança não pode sofrer por algo que não tem responsabilidade), porém, defendo também que não cabe a mim nem a ninguém ser algoz ou juiz sobre a decisão da mãe.

Assim, indicamos as seguintes discussões:

- a. **Quando surge a vida humana?**
- b. **O Estado deve legislar sobre a liberdade feminina?**
- c. **Poderia haver punição para o aborto masculino?**